

Conceituando a paisagem

- Diversamente do conceito de lugar, sobre o qual pode-se colher subsídios na filosofia, sobre o conceito de paisagem teremos o abrigo da geografia, de ciências afins e da arte.
- Mas, nós temos nestas disciplinas os nossos filósofos da paisagem, a quem podemos recorrer.

- Um problema que se coloca quando trabalhamos com conceitos, principalmente os mais complexos, é o do idioma. Cada um deles tem, para um determinado termo, acepções que apesar da aparente semelhança escondem sutilezas que são, muitas vezes, intraduzíveis. Este é o caso da palavra “paisagem”, principalmente no âmbito da geografia.

- No caso dos alemães esta associação pode ser atribuída ao próprio termo “*Landschaft*”, muito mais complexo que seus correlatos em inglês ou nas línguas latinas. Esta palavra alemã circunscreve uma área com elementos e conteúdos muito mais amplos do que podemos encontrar em outros idiomas, englobando toda uma região com suas complexidades morfológicas, e não se limitando, portanto, ao sentido estrito daquilo que se abarca com o olhar, à cena.

- Os geógrafos fundadores da disciplina acadêmica, no final do século passado, fugiram ao seu sentido estrito de “*espaço que se abarca com o olhar*”, associando-o a amplas porções de terra, muito mais vastas do que a vista pode alcançar, afastando-se do significado original do conceito, que está relacionado com as técnicas da perspectiva e da pintura de cavalete.

- No caso francês a associação vidalina é da paisagem com o “*Pays*”. Os dados obtidos a partir do estudo dos modos de vida regionais eram associados com as técnicas de projeção mais avançadas da época.
- A partir das cartas geográficas procurava-se, para áreas amplas, a identificação de características genéricas, tanto físicas quanto culturais, que se constituiriam nas paisagens típicas de cada região, individualizando-as em relação às outras.

- Deste modo, as duas tradições fundadoras da moderna geografia acadêmica nos legaram um conceito de paisagem bem mais amplo do que o oriundo do senso comum e das humanidades.

- Para o geógrafo norte-americano Carl Sauer o termo “paisagem” unifica a linguagem da ciência geográfica enquanto corologia. Ele seria um conceito sintético, que caracterizaria uma associação geográfica de fatos. O termo foi retirado do alemão “*Landschaft*”, via Passarge, e teria o mesmo sentido para a língua inglesa: o de formatar a terra (land shape), implicando numa associação de formas físicas e culturais (Sauer, 1983 a).

- A paisagem era vista como tendo uma individualidade que só se torna reconhecível quando comparada com outras paisagens:
- *“Por definição a paisagem tem identidade baseada numa constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral (.....) a paisagem não é simplesmente a cena vista por um observador. [ela] é uma generalização derivada da observação de cenas individuais.”* (Sauer, 1983 a, 322-323).

- O uso indistinto dos termos “lugar” e “paisagem” talvez possa ser explicado por este sistema de relações proposto por Sauer, pois nele os fatos originais da geografia são os “fatos do lugar” (place facts), que associados, dariam origem ao conceito de paisagem. Sauer (1983 b) definia a geografia como um problema de *standort* ou de “localização dos modos de vida”, que deveria ser estudado a partir da extensão, para uma área, dos traços culturais individuais ou pela determinação das áreas ocupadas por culturas complexas

- Para Sauer a paisagem trata de uma união das “... *qualidades físicas da área que são significantes para o homem e nas formas como ele utiliza a área,...*” (Sauer, 1983 a, 325).
- Estas qualidades da área se constituem na “paisagem cultural”, que Sauer considerava como a forma mais estritamente geográfica de se pensar a cultura.

- Caberia ao geógrafo selecionar as características genéricas da paisagem segundo o seu julgamento.
- De qualquer modo, esta seleção passaria pela redefinição da relação do homem com seu ambiente, uma vez que o habitat vai sendo modificado e reinterpretado a cada mudança de hábito.
- Hábito e cultura, segundo o autor, envolvem atitudes e preferências, que podem ser inventadas ou adquiridas (Sauer, 1983 b).

- As idéias de Sauer acerca das atitudes e preferências por determinadas paisagens teriam ressonância na década de 60, tanto pelos que se dedicavam ao estudo das preferências paisagísticas (Lowenthal e Prince, 1964 e 1965, p. ex.), quanto pelos que estavam voltados para a percepção ambiental e para a avaliação da paisagem (English, 1968; Appleton, 1975, p. ex.).

- Lowenthal, que juntamente com Prince, (1964 e 1965) fazia pesquisas sobre as preferências individuais e coletivas dos ingleses por determinadas paisagens caracterizadas como “cenário” (scenery), e que mais tarde compararia estes resultados com a construção nos Estados Unidos da “cena americana” (american scene) concluiria que:
- *“As paisagens são formadas pelas preferências paisagísticas. As pessoas vêem seu entorno através das lentes da preferência e do costume, e tendem a moldar o mundo a partir do que vêem.”* (Lowenthal, 1968, 61).

- English (1968), ao explorar as possibilidades de estudo da paisagem através da percepção ambiental, ressaltou que Sauer, ao definir a paisagem como uma associação de formas físicas e culturais que possuem um padrão identificável, enfatizara a sua aparência, seus elementos visíveis, em detrimento dos processos invisíveis — as imagens do mundo, que podiam ser estudadas via atitudes para com o ambiente ou pelos mapas mentais.

- Em um estudo inteiramente dedicado à paisagem, Meinig (1979) procurou diferenciar “paisagem”, de “natureza”, de “cenário”, de “ambiente”, de “região” ou de “área” e de “lugar”.
- Ele demonstrava que os termos estão relacionados, mas abarcam mundos de compreensão diferenciados.

- Assim, a paisagem se diferenciaria da natureza pelo seu caráter de unidade que imprime a nossos sentidos, afastando-se da lógica científica do binário homem-natureza;
- se diferenciaria do cenário porque não temos com ela uma relação apenas estética; se diferenciaria de ambiente porque não trata de nossa sustentabilidade enquanto criaturas, mas sim de nossas manifestações enquanto culturas;
- se diferenciaria de região ou área porque seu sentido é simbólico, de acúmulo das expressões e ações sociais; e, finalmente,
- se diferenciaria dos lugares, por seu caráter mais externo e objetivo, menos pessoal e individual, sendo que os lugares são usualmente nomeados, enquanto que as paisagens se caracterizam por ser uma superfície contínua, mais do que um foco ou uma área definida.

- Este estudo seria, de certo modo, corroborado por Tuan quando definiu a paisagem como a ordenação da realidade em diferentes ângulos, produzindo uma visão vertical (objetiva) e uma visão lateral (subjetiva). Para ele:
- *“A visão vertical encara a paisagem como um domínio, uma unidade de trabalho, ou sistema natural, necessário para a vida humana em particular e para a vida orgânica em geral; a visão lateral encara a paisagem como um espaço onde as pessoas agem, ou um cenário para as pessoas contemplarem.”* (Tuan, 1979 b, 90).

- Esta tentativa de remeter o estudo da paisagem a um outro plano que o da mera descrição dos recursos visuais do sítio ou de procurar identificar os estímulos visuais de quem percebe, que era o objetivo dos autores que citamos acima, teve uma formulação fenomenológica em Evernden (1981).
- Ele observa que na fenomenologia o “fenômeno da paisagem” deve ser tomado em termos noéticos (sua porção não-humana) e noemáticos (da consciência que experimenta a paisagem); para em seguida intuir que a paisagem deve sua existência a um imperativo cultural, a uma abstração ocidental e cartesiana que a recorta do contexto da Terra e a torna um objeto identificável.

- Apesar dessa observação Evernden procura tomar a paisagem como essência universal, considerando que:
- *“Ao examinar as variações apresentadas pelo observador, a perspectiva fenomenológica pode procurar traços comuns de modo a estabelecer uma “essência” da paisagem.... Quanto mais modos tivermos de ver uma paisagem, mais modos terá o ser de revelar-se e mais próximos estaremos da descrição da essência do fenômeno.”* (1981, 156).

- Uma síntese interessante de como o conceito de paisagem foi apropriado pela geografia, em especial a anglo-saxônica, pode ser encontrado em Cosgrove (1984). O autor se propõe a estudar a idéia de paisagem como um “*conceito cultural do ocidente surgido no Renascimento*”. Para ele este estudo pode ser subdividido em dois grandes pontos de vista:
 - a partir do uso da terra, que torna o trabalho humano visível nas distintas regiões;
 - pela representação do mundo como uma fonte de apreciação estética.

- Segundo Cosgrove a idéia de paisagem representa uma maneira de ver:
- “*uma maneira pela qual muitos europeus representaram para si próprios e para os outros o mundo ao seu redor e suas relações para com ele, e através do qual comentaram suas próprias relações sociais.*” (Cosgrove, 1984, 1).

- Existiriam, então, dois modos distintos e interrelacionados de se usar o termo paisagem: uma representação artística e literária do mundo visível, do cenário (scenery), visto pelo espectador; uma verificação e análise empírica, através de métodos científicos, da integração de fenômenos naturais e humanos em uma porção delimitada da superfície terrestre.
- Estes dois modos seriam integrados pelos estudos geográficos recentes sobre a paisagem.

- Cosgrove, como todos, se detém sobre a imprecisão e a ambigüidade da palavra paisagem, concluindo que:
- “... paisagem denota o mundo exterior mediado através da experiência humana subjetiva de um modo que nem a área nem a região sugerem imediatamente. A paisagem não é meramente o mundo que nós vemos, ela é uma construção, uma composição deste mundo.

- *A paisagem é um modo de ver o mundo.”*
- (Cosgrove, 1984, 13).

- Ao sugerir uma relação dialética entre a visão artística e a visão científica, Cosgrove chegou a outro tipo de visão: a do observador local em contraste com a do observador estrangeiro. remete-se, então, aos estudos que a geografia humanista faz da paisagem, concluindo que:
- *“O tratamento das paisagens pela geografia humanista,..., demonstra que os problemas colocados pela paisagem e por seus significados apontam para o coração da teoria social e histórica: problemas da ação individual e coletiva, do conhecimento objetivo e subjetivo, da explicação idealista e materialista. Se os estudos geográficos tradicionais da paisagem enfatizam a visão do estrangeiro (outsider) e se concentram na morfologia das formas externas, o humanismo geográfico recente procura reverter isto pelo estabelecimento da identidade e experiência do nativo (insider). Mas, em nenhum caso a estrutura da pintura foi partida e a paisagem inserida no processo histórico. A razão disso é que, ..., a paisagem é em si mesma um modo de ver, apropriado pela geografia com suas acepções ideológicas fundamentalmente inalteradas. Para compreender como isso aconteceu nós precisamos traçar a história dos modos de ver a paisagem e de controlar o mundo.”* (Cosgrove, 1984, 38).

- Na década de 70 assistiu-se a um renascimento da temática da paisagem a partir de duas tradições:
- a marxista, que procurava estudar a paisagem enquanto espetáculo;
- a culturalista, que relacionava a paisagem com o espaço vivido.

- Ronai propôs-se a revelar quais são as práticas culturais que instauram a paisagem. Eram elas, segundo ele, a geoscopia (o olhar), a geografia (o discurso), a geosemia (o sistema de significações). Para o autor a paisagem, neste contexto, trata-se de:
- *“...objeto de espetáculo, o espaço real é reduzido a ... panorama ... Há na valorização estética da paisagem uma ocultação das contradições onde o espaço é o terreno (terrain)... os homens não figuram na paisagem ... [ela] funciona como anestésico.” (1976, 127).*

- Haveriam, segundo o autor, três instâncias distintas de espaço: o espaço real; o conhecimento do espaço e o espetáculo do espaço.
- Este último relacionado com a paisagem, considerada como o espetáculo do espaço e não como uma fração do espaço.

- Posição que seria reforçada por Lacoste :
- “*A palavra paisagem designa um espaço e uma representação confusa que escamoteia seu sentido original que é de ‘olhar sobre uma porção de espaço concreto, e portanto, espetáculo’.*” (1977, 4).

- Tanto Ronai quanto Lacoste associavam esta espetacularização da paisagem como potencializadora de sua mercantilização. A espetacularização da paisagem era vista como um processo de fetichização:
- *“A recuperação da paisagem pelos meios de informação modernas e a comunicação em escala industrial é flagrante. Existe uma leitura sociológica evidente dos fenômenos: a paisagem como meio de afirmação e dominação de grupos sociais privilegiados, a paisagem que se vende e se faz vender, a paisagem elaboração de classe e objeto de mercado.”* (Sautter, 1979, 48).

- Na investigação teórica da paisagem enquanto espaço vivido, uma contribuição importante foi a de Bailly, Raffestin e Reymond (1980), que definiram a paisagem como um depósito de história, um produto da “prática” entre indivíduos e da realidade material com a qual nos confrontamos.
- Para os autores a prática de uma “geografia da paisagem” exigia a delimitação do nível perceptivo a ser abordado, constituído pela experiência cognitiva da paisagem, e que seria estudada a partir da intencionalidade e de nossos constructos, já que o real objetivo não existe para além deles.

- Estes autores consideravam que a partir deste método:
- *“paisagem e meio físico não são, ..., confundidos, porque a paisagem não existe a não ser para o grupo humano e para o homem, em particular através da relação fenomenológica entre o eu e o meio.”* (1980, 278).

- A questão que eles colocavam refere-se a possibilidade de nos atermos a estudar os objetos tais como eles são (positivismo), ou se devemos compreendê-los a partir de suas forças não-observáveis, que são subjetivas (fenomenologia).
- Eles próprios concluíaam que os mecanismos do processo cognitivo nos obrigam a integrar a subjetividade quando estudamos a paisagem.

- Para estes autores era necessário:
- “...*propor uma metodologia que levando em conta a subjetividade pessoal esclareça os grupos de similitudes existenciais criadoras da paisagem.*” (1980, 282).
- Proposta que levava a uma definição provisória de paisagem:
- “*Nossa paisagem é formada pelas relações entre duas e três dimensões (superfície e volume), entre os indivíduos e o ambiente (vivido e não-vivido), relações caracterizadas pelas propriedades geométricas, topológicas, projetivas, temporais e simbólicas.*” (1980, 285).

- Outro autor, ligado aos culturalistas, problematizava a análise fenomenológica da paisagem:
- *“Como manifestação concreta a paisagem se oferece a objetivação analítica do tipo positivista; mas ela existe incontinentemente em sua relação com um sujeito, um sujeito coletivo: a sociedade que a produz, a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica.”* (Berque, 1984, 33).

- Tendo esta definição como parâmetro, Berque criou os conceitos de paisagem-marca (paysage-empreinte) e de paisagem-matriz (paysage-matrice). Para ele a paisagem é marca porque exprime uma civilização e é matriz porque participa dos esquemas de percepção, concepção e ação.

- A partir destas conceituações Berque desenvolveu uma hipótese que acompanha seus trabalhos ao longo da década. Esta hipótese é de que a paisagem é um terceiro termo mediador entre o homem e o meio:
- *“... a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois termos. Esta relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e de espaço, implica tanto a instituição mental da realidade quanto a constituição material das coisas.”* (Berque, 1994 a, 5).

- A paisagem, no entanto, não estaria presente, enquanto conceito, em todas as sociedades, pois estas “*interpretam seu ambiente em função do que elas fazem, e, reciprocamente, elas o planejam a partir da interpretação que lhe dão*” (Berque, 1994 b, 17).

- O mesmo autor insiste, em vários trabalhos (1989, 1990, 1994 b), que existem sociedades que não possuem o conceito de paisagem, apenas o de ambiente: seriam as “sociedades com país” (*société à pays*), com pouca objetivação do meio. Enquanto que apenas duas civilizações possuem paisagem: a chinesa, que nunca a tomou como uma morfologia do ambiente, associando-a sempre à relação entre homem e natureza; e a europeia, onde se procura representar um ambiente como objeto substancial e não como relação com o sujeito.